

Memória, arquivos e o impresso como audiovisual político-biográfico

Memory, Archives and Printed Newspaper as a Political-Biographical Audiovisual

Álvaro Nunes Larangeira¹

DOI: 10.19177/memorare.v8e22021124-134

Resumo: Arquivos são cerzimentos teciduais dos planos, projeções e experiências da vida ao alcance da perseverança e vontade. Quando encontrados, proporcionam variadas experiências sensoriais. O presente ensaio reporta o encontro do pesquisador com sua própria história ao investigar a documentação da ditadura militar no Arquivo Nacional e como um arquivo pode se tornar audiovisual político-biográfico e revival existencial únicos.

Palavras-chave: Memória. Arquivo. Impresso. Audiovisual político-biográfico.

Abstract: Archives are tissue darnings of plans, projections and life experiences within the reach of perseverance and will. When found, they provide a variety of sensory experiences. This essay reports the researcher's encounter with his own history when investigating the documentation of the military dictatorship in the Arquivo Nacional and how an archive can become a unique political-biographical audiovisual and existential revival.

Keywords: Memory. File. Printed. Political-biographical audiovisual.

¹ Professor visitante do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGSC/UFES). Pós-doutor em Jornalismo pela Universidade de Coimbra, como bolsista do CNPq. Mestre e Doutor em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Coidealizador e organizador da Rede de Pesquisa Jornalismo, Imaginário e Memória – REDE JIM. Pesquisador do Observatório de Saúde na Mídia – Regional ES (PPGSC/UFES) e do Grupo de Pesquisa Tecnologias do Imaginário (GTI/PPGCOM-PUCRS). E-mail: larangeira@terra.com.br.

1 A deusa Memória e a musa História

Figura 1 – Clio, a personificação da História, por Pierre Mignard



Fonte: <https://artsandculture.google.com/asset/clio-pierre-mignard/5AEu1CmgBQTdJA>

Filha da Mãe-Terra Gaia e de Urano, deus do Céu, a Memória tem o poder da presentificação ou do ocultamento (HESÍODO, 2012). Revela e perpetua ou oblitera e faz desaparecer. Interpõe-se no caminho do habitual trilhar humano à fonte do esquecimento. A Memória é a certificação da existência. Dizia Sócrates ter a memória a capacidade de escrever discursos na alma (PLATÃO, 2015, p. 28) e disponibilizar, mediante a necessidade da recordação, um bloco de cera para eternizar impressões, sensações e pensamentos, “como se estivéssemos imprimindo um sinete” (PLATÃO, 2010, p. 282). Em perspectiva próxima, para o biofísico Henri Atlan, o ato mnemônico expressaria por vezes uma linguagem, anterior à fala ou escrita, existente sob a forma de armazenamento de informações (1972, p. 461).

Le Goff vinculará a memória à constituição da identidade, seja individual ou coletiva, “cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia (1990, p.

477). O historiador francês destaca, em termos de relevância social, a importância da memória coletiva, em especial na sua dimensão do poder e os respectivos embates entre Estados, classes, grupos e indivíduos pelo seu controle, instrumentalização e guarda ou desvanecimento: “Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva” (LE GOFF, 1990, p. 427). Tem-se, assim, a associação umbilical entre a memória e a história. Esta a alimentar aquela e aquela a salvar esta.

Da cópula da deusa Memória com Zeus nasceram nove filhas, as musas, incumbidas das exaltações das ações e feitos notáveis dos deuses olímpicos, inspiração dos poetas – indivíduos primordiais na formação cívico-educacional na Grécia Antiga, tanto nos relatos mitológicos quanto suas significações nos aspectos éticos, epistêmicos, estéticos e políticos para o mundo real, fato atestado pela importância de Homero e Hesíodo na cultura grega – e personificações de determinado conhecimento ou arte. “Doutas musas”, exaltaria Homero em *Ilíada* (canto II). Calíope personificaria a poesia épica; Polímnia, a retórica; Euterpe, a música; Terpsícore, a dança; Érato, a poesia lírica; Melpômene, a tragédia; Talia, a comédia; Urânia, a astronomia; e Clio, a história (BRANDÃO, 1997, p. 203).

Na metade do século 5 a. C., Heródoto escreve um compêndio sobre as guerras dos gregos com os persas entre 557 e 479 a. C., detalhando as respectivas sociedades e os demais povos daquela região da Europa Meridional, Oriente Próximo e Ásia Menor Ocidental envolvidos nos conflitos, como os citas, medos, lídios, jônios e egípcios. A obra será subdividida em 9 livros, cada qual nomeado com o nome de uma das musas. O primeiro, Clio, abordará a influência mitológica na fomentação e estímulo a guerras e detalhará a primeira das contendas entre gregos e persas. Em comparação aos antecessores, a peculiaridade do relato do grego considerado o “pai da História” será no modo da obtenção da matéria-prima para o livro, com ênfase nos testemunhos oral e vivido e a primazia na investigação. “*Historie* significa pois 'procurar'. É este o sentido da palavra em Heródoto, no início das suas Histórias, que são 'investigações', 'procuras'.” (LE GOFF, 1990, p. 18).

Heródoto incluirá nas narrativas dos episódios fenômenos, mentalidades, creditações e particularidades por vezes independentes dos fatos, espécie de prenúncio da necessidade da perspectiva interdisciplinar na seara histórica. A História é amplitude, ramificação, movimento contínuo contornador dos pontos finais atribuídos à finitude dos acontecimentos. Marc Bloch assevera: “O passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado [ou seja, a História] é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa.” (2002, p. 75).

2 Arquivo

Figura 2 – Biblioteca Nacional



Fonte: www.bn.gov.br/explore

Arquivos têm fragrâncias e sabores. Exalam o aroma do achado e dão ao olhar o brilho semelhante daquele proporcionado à fome pela visão do alimento. Comportam um labirinto cuja saída é a entrada. Ficam à mostra resguardados por seus próprios esconderijos. Visíveis, porém ocultos. Ordenamento das ondas e catalogação e fichários das marés à revelia da concordância do mar. Perfilamento em convidativos precipícios a flunar nomeados fundos. Vestígios brutos e magnéticos das existencialidades individual e coletiva. Infindáveis estradas predestinadas a descobertas. Desnudamentos. “Fragmentos de verdade até então retidos saltam à vista: ofuscantes de nitidez e credibilidade. Sem dúvida, a descoberta do arquivo é um maná que se oferece, justificando plenamente seu nome: fonte”, apregoa Arlette Farge (2009, p. 15).

Arquivos são cerzimentos teciduais dos planos, projeções e experiências da vida ao alcance da perseverança e vontade. Quando encontrados, proporcionam variadas experiências sensoriais. O regozijo da voz interior timoneira do percurso traçado. O deleite visual diante de um tesouro em mãos. A degustação do rastreio finalizado. A conversão em perfumados grãos da materialidade almejada. A gustação do documento descoberto é esta profusão de sentidos e “quem tem o sabor do arquivo procura arrancar um sentido adicional dos fragmentos de frases encontradas; a emoção é um instrumento a mais para polir a pedra, a do passado, a do silêncio” (FARGE, 2009, p. 37). Arquivos, reforça a historiadora francesa, são como microscópios a destrinchar o objeto pesquisado em lâminas dos registros, atos e eventos (2009, p. 49). Recortam para amplificar.

Arquivos, independente da data, são portadores do presente, janelas da época de origem e do tempo do pesquisador. Têm a temporalidade moldável à razão da pesquisa. O breu da vegetação em consonância com a claridade do céu. “O arquivo parece uma floresta sem clareiras; permanecendo nele muito tempo, os olhos se acostumam com a penumbra, eles entreveem a orla.” (FARGE, 2009, p. 70). Arquivos, ou

documentos, são como monumentos, atemporalidades temporalizáveis, *corpus* culturais e razão de ser decorrente de intencionalidades variadas. Le Goff explica: “O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa” (1990, p. 546).

3 Imagem

Figura 3 – Capa do livro Cem anos de solidão



Fonte: Biblioteca do pesquisador

Cem anos de solidão, do escritor colombiano Gabriel García Márquez, é um livro fílmico, ou melhor, um audiovisual impresso. A narrativa genealógica da família Buendía, a fantástica Macondo e seus fenômenos inusitados (a perda de memória nos habitantes acometidos pela peste da insônia, a chuarada de flores amarelas na morte de José Arcadio Buendía e a intermitente chuva de quatro anos, 11 meses e dois dias), as invenções do alquimista Melquíades, a ascensão de Remedios, a bela, levada pelas asas dos lençóis a ares inalcançáveis aos mais altos pássaros da memória, as sagas do coronel Aureliano Buendía, derrotado nas 32 revoluções armadas promovidas por ele, pai de 17 filhos com 17 mulheres diferentes mortos todos na mesma noite e sobrevivente em 73 emboscadas, 14 atentados, um pelotão de fuzilamento e uma dose de estricnina suficiente para matar um cavalo, e a antevéspera da morte da matriarca Úrsula com as rosas a cheirar a quenopódio, grãos de bico caídos ao chão em ordem geométrica e discos luminosos alaranjados perfilados a cortar a noite, são imagens corporificadas em palavras impressas, fotogramas redigidos, feixes de elétrons condutores da leitura.

A imagem é, para o sociólogo Jean Davallon, uma operadora de memória *in natura* porque a contemplação da mesma aciona no

observador “uma atividade de produção de significação” (1999, p. 28) e a dimensão associativa temporal concomitante ao vínculo com a realidade, a ocorrência do fato. A imagem é um dispositivo de comunicação regulador de modalidades de recepção e significação do espectador e de regulação do tempo. Trabalha de modo simultâneo com as interações entre emissão, recepção, contexto e mensagem. “Assim a imagem, por poder operar o acordo dos olhares, apresentaria a capacidade de conferir ao quadro da história a força da lembrança. Ela seria nesse momento o registro da relação intersubjetiva e social.” (DAVALLON, 1999, p. 31).

A imagem é, em termos pictóricos, comunicação – pinturas rupestres, estátuas, esculturas, mosaicos e vitrais – e, enquanto representação, mídia – folheto, impresso, fotografia, cinema, rádio, televisão e internet. Imagem é *imago*, termo associado a “representação, cópia, reprodução mais ou menos fiel de um ser, de um objeto ou de um sentimento” (JORON, 2006, p. 298). Mais ainda: “Imagem não quer dizer uma fotografia ou uma representação do existente. Pode ser também a marca de uma impossibilidade concreta, o índice de uma impossibilidade por excesso de existência” (SILVA, 2006, p. 170). Associamo-nos com a realidade por imagens, no curso natural dos acontecimentos ou na recorrência a *replays* e rememorações. Imagem é ponte. Só?

Mas e se pensarmos ter a imagem o livre-arbítrio de ser aquilo por ela desejado? Raciocinemos como indica o filósofo Henri Bergson: desprovido do idealismo e realismo, o espírito resolve acreditar ser a matéria existe tal como ele a percebe. E já que ele a percebe como imagem, faria dela própria uma imagem. Além disso: “*Chamo de matéria o conjunto das imagens, e de percepção da matéria essas mesmas imagens relacionadas à ação possível de uma certa imagem determinada, meu corpo*” (BERGSON, 1999, p. 17) [grifo do autor]. O corpo é, então, imagem e, em essência, instrumento de ação (idem, p. 263), e o universo material, a totalidade das imagens (ibidem, p. 274). Em suma: “O espírito retira da matéria as percepções que serão seu alimento, e as devolve a ela na forma de movimento, em que imprimiu sua liberdade” (BERGSON, 1999, p. 291).

Pode então um impresso [matéria=imagem] ser um audiovisual [imagem=matéria], a provocar o mesmo impacto sinestésico compactado na ilusão do movimento proporcionado pela colagem imagética das centenas de milhares de retículas, a emulação pictórica a tutoriar o cérebro na formulação do visualizado, o êxtase da emulação pictórica a convencer pela sequencialidade do movimento? Sim, afinal “as coisas têm vida própria – apregoava o cigano [Melquíades] com áspero sotaque – tudo é questão de despertar a sua alma” (MÁRQUEZ, 1984, p. 8).

4 Impresso como audiovisual

Figuras 4, 5 e 6 – Dossiê no SNI sobre o jornal The Porto Alegre Times

CONFIDENCIAL

CAPA DE ACE

AGÊNCIA: B3A Nº ACESSO: 013026/83 TOTAL FLS: 050 BRIGEL: W

FLUXO DO PROCESSO: DATA: RUBRICA: CH DE ISSI ou ANALISTA:

ENTRADA NA SE (SEI) Nº ANO: 01 NOV 83 VAL ÚNICA INICIAL: 013026/83 Nº de Controle: 050 Nº de Controle: 050

REMESSA AO SEI Nº ANO: 13 NOV 83 NOME LEVAVEL: RUBRICA:

ACE PROCESSADO:

ACESSO INICIAL

B	3	A	B	A	C
---	---	---	---	---	---

DOCUMENTOS

Nº	TIPO/Nº/ORGÃO/ANO	PRG/ANO
01	RR 4/00011/430/034/PS	
02		
03		
04		
05		
06		
07		
08		
09		
10		
11		
12		

OBSERVAÇÕES E INSTRUÇÕES ADICIONAIS

CONFIDENCIAL

confidencial 01/01

LANÇAMENTO DO JORNAL THE PORTO ALEGRE TIMES.

1. Em 01 de Janeiro, foi lançado, nesta Capital, o jornal "THE PORTO ALEGRE TIMES", com uma tiragem inicial de 5.000 (cinco mil) exemplares.

A redação do citado periódico está localizada à Avenida Getúlio Vargas, 1.544/501 - Telefone: (0512) 337427-PORTO ALEGRE/RS. Possui como Jornalista Responsável, JURUNA DA SILVA (RG087891), formado em Comunicação Social e História pela UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL (FUCRS), em 08 JAN 55.

2. O "THE PORTO ALEGRE TIMES" é um órgão de divulgação da firma UNITE PRODUÇÕES LITA, a qual ainda não obtve o parecer da JUNTA COMERCIAL DE PORTO ALEGRE/RS quanto ao seu pedido de registro junto àquela órgão. Em face de não possuir o seu Cadastro Geral de Contribuintes (CGC) devidamente registrado, a referida empresa ainda não solicitou o registro do citado jornal junto ao CAMBÓRIO DE REGISTROS ESPECIAIS desta Capital.

3. O referido periódico caracteriza-se, notadamente, pela publicação de notícias totalmente inverídicas, utilizando-se de um estilo de humor debochado, cujas ilustrações e linguagem empregadas podem ser consideradas como atentatórias à moral e aos bons costumes.

23 : B3A
27 : 03 (três) exemplares do Jornal THE PORTO ALEGRE TIMES.

23 : B3C

confidencial

The Porto Alegre Times

1981 • VINTA ANOS DE HISTÓRIA • CIRC. 3000

PINOCHET CAI

Leia

A saga do Super-Rato

AMADEUS

Videomania

JURUNA-PROTESTA

Fonte: Memórias Reveladas / Arquivo Nacional

Insondáveis são os caminhos abertos por 16,5 milhões de páginas de textos dos 43 fundos da documentação sobre a ditadura militar de 1964-1985 resguardada pelo Arquivo Nacional. São 220 mil microfichas com 10 milhões de textos; 308 mil prontuários do Cadastro Nacional – base de dados do Serviço Nacional de Informações (SNI), agência de inteligência do regime militar fundada em junho de 1964 com dados levantados pela entidade empresarial civil-militar Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), criada em 1962 para desestabilizar o governo João Goulart (1961-1964); 500 caixas de documentos com processos nominais e 900 caixas da Comissão Geral de Investigações (CGI), responsável por apurar casos de corrupção e subversão no exercício da função pública nas esferas federal, estadual e municipal (ISHAQ; FRANCO, 2008).

Havia fontes diversas, e dispersas, pelo país. Por isso, foi concebido o projeto de âmbito nacional Memórias Reveladas, espaço de compartilhamento de todo este material do Arquivo Nacional e mais a documentação do período da ditadura militar por, até agora, 164 entidades públicas e privadas, nacionais e estrangeiras – de arquivos públicos [os dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro dispõem, por exemplo, dos acervos dos respectivos Departamentos Estaduais de Ordem Política e Social (DEOPS), com centenas de milhares de documentos, fichários, prontuários e dossiês da época do regime militar], bibliotecas, centros de documentação e pesquisa a sindicatos, tribunais e universidades –, material disponibilizado em fluxo contínuo no site, tão logo digitalizado.

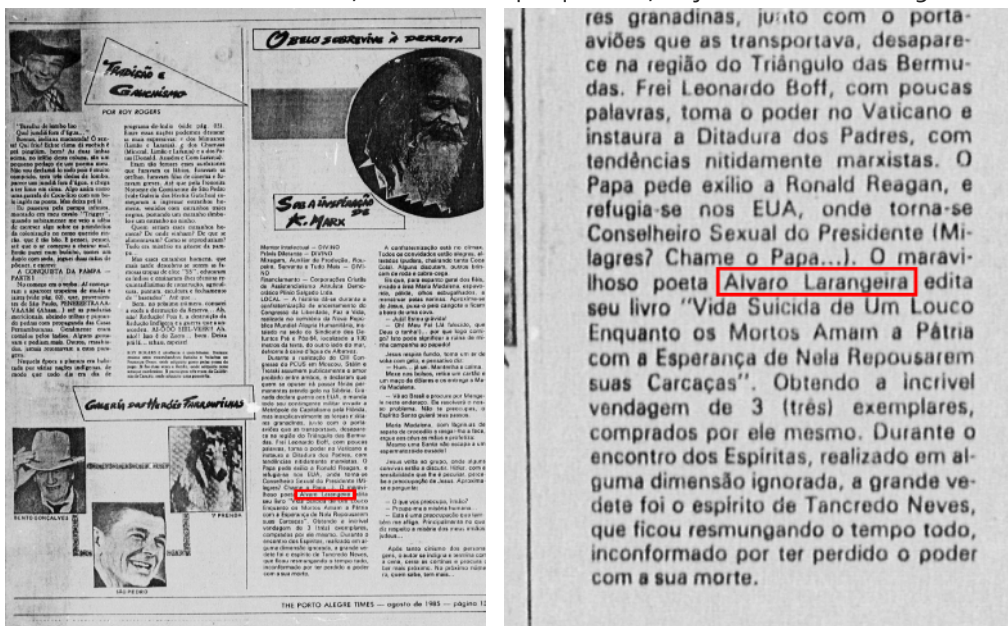
Em meio a este labiríntico emaranhado de documentação, a ferramenta de busca SIAN – Sistema de Informações do Arquivo Nacional – timoneia a condução do fio da memória puxado pelas mãos

de Clio. Capacitada a rastrear em conteúdo indexado e no próprio texto original, a SIAN encontra no Fundo Serviço Nacional de Informações arquivo do lançamento do jornal *The Porto Alegre Times*, dossiê produzido em outubro de 1985 pela sucursal em Porto Alegre do SNI e acolhido pela agência central em Brasília. O documento com 53 páginas contém as reproduções dos três primeiros exemplares do periódico lançado em Porto Alegre em agosto do mesmo ano. No envio à AGE (agência central), a especificação do conteúdo: “O referido jornal caracteriza-se pela publicação de notícias totalmente inverídicas, utilizando-se de um estilo de humor debochado, cujas ilustrações e linguagem empregadas podem ser consideradas atentatórias à moral e aos bons costumes”.

The Porto Alegre Times reunia egressos, como o jornalista responsável Juremir Machado da Silva, e graduandos dos cursos de Jornalismo, História, Filosofia e Sociologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Juntava anarquistas, trotskistas, stalinistas, progressistas e liberais. Incorrigíveis e responsáveis. Dilettantes e recém-formados desejosos da inserção no mercado de trabalho. As circunstâncias favoreciam a composição deste vitral humano. Fim da ditadura. Eufusão cultural. Período singular. Processo político da retomada do poder pelos civis e das liberdades democráticas tutelado pela minguante ditadura militar e posse na presidência da República, com a frustração da derrota do movimento Diretas Já e o contratempo da morte do vitorioso na eleição indireta Tancredo Neves, de um aliado de longa data do regime militar. Cenário efervescente e a crença comum, entre os participantes do mensário, do humor como crítica social contundente e perturbadora, quiçá transformador.

5 Revival político-existencial

Figuras 7 e 8 – Detalhes da Coluna do Divino, de autoria do pesquisador, no jornal *The Porto Alegre Times*



Fonte: Memórias Reveladas / Arquivo Nacional

A imagem, para Pêcheux (1999, p. 51), comporta em si programa de leitura e percurso escrito. É uma operadora da memória. Diz ele da

social, mas podemos ampliar ao individual. A materialização do impresso em audiovisual e a emersão do revival político-existencial ocorrem quando o investigador encontra a si mesmo na imagem pesquisada: a Coluna do Divino – sob a inspiração de K. Marx é da autoria do próprio pesquisador. Aflora a película da existência hibernada naquele documento. A creditação do protagonismo político pelo viés do humor. A crítica social em efervescência postada em um produto jornalístico predestinado a transgressões da considerada pelos agentes do SNI moral e bons costumes. A militância por meio do espaço pelo qual inocula no organismo remanescente do arbítrio o incomodativo vírus da contestação.

A representação do presente sob a forma de uma lasca do ano de 1985, final do regime de governo hoje cultuado pelo grupo ocupante do Palácio do Planalto. Tempos tão distantes e próximos. A conversão do arquivo em flash do agora. O regozijo do certificado de, como hoje, posicionar-se na contraposição aos senhores, e correspondentes sicários, apologetas do reacionarismo e suas obscuridades inerentes. O orgulho de, na interpretação do araponga do regime militar, integrar um grupo capaz de incomodar a pureza inquestionável deste corpo sagrado da denominação imaculada da “moral e bons costumes”, sempre à mercê dos impropérios das almas desviantes características da subversão e sua reiterada propensão ao deboche.

O incomodativo, para os censores, era esta ironia, e eles tinham razão, porque a ironia é um artifício de linguagem e todo artifício é desconcertante, pois foge do controle: “O verdadeiro artifício é o do corpo na paixão, o do signo na sedução, da ambivalência nos gestos, da elipse na linguagem, da máscara no rosto, da tirada que altera o sentido, e que por esse motivo é chamada tirada inteligente” (BAUDRILLARD, 1996, p. 60). Se a comunicação não é o falar, mas o fazer-falar (BAUDRILLARD, 1996, p. 53); se a informação não é o saber, mas o fazer-saber; se a imagem não é o visto, mas o fazer-ver; a ironia pouca importância dá ao entender. O importante é operacionalizar o fazer-entender, pois nele está a transformação: “Ora, o artifício nada tem que ver com o que gera, mas sim com o que altera a realidade” (BAUDRILLARD, 1996, p. 60). Eles, os bedéis, são muitos, mas não podem voar. O humor debochado pode.

6 Considerações finais

Na caminhada do pesquisador pela documentação da ditadura militar guardada no Arquivo Nacional o encontro com a própria existência. Um dossiê do SNI sobre a efêmera publicação humorística *The Porto Alegre Times*, da qual o investigador fazia parte como colunista. Descoberta documental responsável pela transformação de um impresso em um audiovisual biográfico e deste na rememoração vivencial. Projetos, horizontes, proposições epocais. Transmutação material. O pesquisador encontra-se no objeto pesquisado, transforma-o em devir existencial, a presentificação do recorte bio-histórico. Assim, ao puxar aquele fio do arquivo depara com o registro da sua própria história.

Onde há fio há rastros (GINZBURG, 2007), cuja origem está na possibilidade concreta da transmutação de um feixe documental em

certificado biográfico. Têm razão Sócrates, em considerar a memória como um discurso registrado no espírito com a chancela da vivência, Arlette Farge, ao associar a descoberta do arquivo pretendido a um evento luminoso, e Melquíades, por ressaltar a existência de objetos com vida própria. Assim se deu para o pesquisador, na habitual incursão acadêmica investigativa na seara histórica, a oportunidade de encontrar no acervo do fundo da ditadura militar as pontas soltas de vivências mantidas vivas pelas diligentes Mnemosine e Clio, guardiãs dos álbuns da vida.

Referências

- BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal**: ensaio sobre os fenômenos extremos. 3. ed. Campinas: Papirus, 1996.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. v. 2. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. v. 1. Petrópolis: Vozes, 1986.
- DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória?. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 23-37.
- FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009.
- GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HERÓDOTO. **Histórias**. São Paulo: eBooks Brasil, 2006.
- HESÍODO. **Teogonia**: a origem dos deuses. Estudo e tradução: Jaa Torrano. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2012.
- HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Manuel Odorico Mendes, 1874. Disponível em: <https://iliadadeodorico.wordpress.com/canto-ii>. Acesso em: 8 abr. 2021.
- ISHAQ, Vivien; FRANCO, Pablo. Os acervos dos órgãos federais de segurança e informações do regime militar no Arquivo Nacional. **Acervo**: revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, jul./dez. 2008. p. 29-42.
- JORON, Philippe. Alteridade simbólica e construção imaginal da realidade. In: ARAUJO, Denize Correa (org.). **Imagem (ir)realidade**: comunicação e cibermídia. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 290-305.
- KURY, Mário da Gama. **Dicionário de mitologia grega e romana**. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- MACHADO, Arlindo. **A arte do vídeo**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. 29. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

PLATÃO. **Filebo**. Domínio público. 2015. Disponível em:
http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2263. Acesso em: 8 abr. 2021.

PLATÃO. **Teeteto**. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

SILVA, Juremir Machado da. Imagens da irrealidade espetacular. In: ARAUJO, Denize Correa (org.). **Imagem (ir)realidade**: comunicação e cibermídia. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 163-172.

Referências documentais

Memórias Reveladas / Arquivo Nacional

Fundo Serviço Nacional de Informações – BR DFANBSB V8

Artigo enviado em: 25/09/2021. Aprovado em: 25/11/2021.